

A ELABORAÇÃO DE ATIVIDADES E AVALIAÇÕES PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: CAMINHOS PARA A INCLUSÃO

Rafael Cabral Paulino; Angélica Araújo de Melo Maia.

Universidade Federal da Paraíba – rafacabral21@hotmail.com

Resumo do artigo: Na perspectiva da inclusão escolar, que preconiza uma educação básica pública de qualidade para todos os alunos, desde o primeiro semestre de 2015 até a presente data, 7 professores em formação e bolsistas do subprojeto Pibid Letras- Inglês da Universidade Federal da Paraíba elaboram planos de aula, atividades e avaliações de forma a contribuir para o desenvolvimento cognitivo dos alunos com deficiência da escola municipal onde atuam no âmbito da disciplina língua inglesa. Para isso, os bolsistas partiram de leituras e discussões propostas dentro das reuniões semanais do projeto. Nesse trabalho, discutiremos a concepção de adequação curricular que adotamos e trazemos exemplos das avaliações e atividades desenvolvidas no subprojeto Letras-inglês para exemplificar alguns dos princípios que orientaram o processo de adequação, entre os quais destacamos: a contextualização da aprendizagem para os alunos, a clareza e objetividade dos enunciados e das instruções, o uso de textos multimodais, a gradação de dificuldade nas tarefas, a variedade de atividades no que tange aos aspectos sensoriais, a valorização dos processos interacionais, a vinculação dos temas e das atividades à vida cotidiana do aluno, a atenção a aspectos culturais. Essa pesquisa se apoia em documentos oficiais e em autores que advogam em favor das adaptações como forma de inclusão dentro do processo educacional como um todo.

Palavras Chaves: Inclusão, Adequação Curricular, Adaptação de Atividades, Língua inglesa, Pibid.

No primeiro semestre de 2015, 7 bolsistas do subprojeto Pibid Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba desenvolveram planos de aula, atividades e avaliações de forma a contribuir para o desenvolvimento cognitivo dos alunos com deficiência da escola municipal onde atuam no âmbito da disciplina língua inglesa. Para isso, os bolsistas partiram de leituras e discussões propostas dentro das reuniões semanais do projeto.

Nesse trabalho, discutiremos a concepção de adequação curricular que adotamos e traremos exemplos das avaliações e atividades desenvolvidas no subprojeto Letras-inglês para exemplificar alguns dos princípios que orientaram o processo de adequação, entre os quais destacamos: a contextualização da aprendizagem para os alunos, a clareza e objetividade dos enunciados e das instruções, o uso de textos multimodais, a gradação de dificuldade nas tarefas, a variedade de atividades no que tange aos aspectos sensoriais, a valorização dos processos interacionais, a vinculação dos temas e das atividades à vida cotidiana do aluno, a atenção a aspectos culturais.

A lei é enfática e garante a todas as crianças e jovens de 4 (quatro) a 17 (dezesete) anos de idade matrícula nas escolas regulares (BRASIL, 2013). Assim, centenas de alunos com deficiência estarão presentes nas instituições e é preciso que os professores estejam preparados para cumprir

outro direito previsto em lei que é a garantia no padrão de qualidade da educação no Brasil (BRASIL, 2015).

Os alunos com deficiência devem ter acesso ao mesmo currículo previsto a todos; porém, vale uma ressalva: a de que é preciso respeitar os limites de cada indivíduo, elaborando aulas e atividades que se adequem aos seus respectivos ritmos, de acordo com suas limitações e capacidades cognitivas. Nesse sentido, partilhamos o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa proporcionado aos alunos com deficiência intelectual da escola municipal atendida, entendendo que se trata de uma experiência específica, que não pretendemos que seja aplicada em outros espaços, mas que possa servir de referência a outras realidades em que esse tipo de trabalho se faça necessário.

Adequação curricular: um caminho para a inclusão

Quando se fala em adequação do currículo para alunos com necessidades educativas especiais, surgem inúmeras críticas; existem aqueles que acreditam que esse processo acaba gerando a exclusão do aluno. Neste aspecto, nos distanciamos desta posição, avessa às adequações curriculares. Para isso, nos amparamos nas concepções dos Parâmetros Curriculares Nacionais – Adaptações Curriculares, de 1998, que apresentam as adequações – ali chamadas de adaptações - curriculares como:

[...] medidas pedagógicas adotadas em diversos âmbitos: no nível do projeto pedagógico da escola, da sala de aula, das atividades e, somente quando absolutamente necessário, aplicam-se ao aluno individualmente. Visam ao atendimento das dificuldades de aprendizagem e das necessidades especiais dos educandos e ao favorecimento de sua escolarização. Consideram os critérios de competência acadêmica dos alunos, tendo como referência o currículo regular e buscam maximizar as suas potencialidades, sem ignorar ou sublevar as limitações que apresentam e suas necessidades especiais. (p. 59)

Os documentos oficiais reconhecem que o currículo, por si só, pode tornar-se inadequado para alguns alunos e permite que, quando necessário, adaptações sejam feitas para que o direito ao ensino de qualidade seja garantido de forma efetiva para tais alunos. Como afirma Carvalho, “promovendo adaptações no currículo, estaremos oferecendo a maior possibilidade de maior participação de alunos com [deficiência], levando-os a alcançar objetivos do currículo comum.”

(2012, p. 106) E é este o nosso objetivo enquanto facilitadores no processo educacional junto a esses alunos.

Outro aspecto relevante quando pensamos em adequação é considerar as potencialidades do aluno; é preciso estabelecer sempre um nível de dificuldade. A adequação torna-se a forma de facilitar o acesso ao conhecimento para o educando. Porém, isso não significa desacreditar nas potencialidades, criando atividades simples e sem nenhum nível de dificuldade para ele. Por isso, o professor precisa conhecer o seu aluno, para estabelecer em que patamar cognitivo ele se encontra e identificar até onde ele pode avançar dentro do que está proposto no currículo.

Sendo assim, adaptações curriculares são ações docentes com a intenção de apresentar o conteúdo de forma acessível para que os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais obtenham êxito. Carvalho (2008) também atribui ao professor à tarefa da adaptação quando define que “adaptações curriculares consistem em modificações espontaneamente realizadas pelos professores” (p. 105).

De acordo com Coll (1996) o currículo é um elo “(...) entre teoria educacional e prática pedagógica, entre o planejamento e a ação, entre o prescrito e o que sucede nas salas de aula”. Desta forma, adaptar ou adequar seria a ação de planejar atividades diárias individuais para os alunos que apresentem necessidades, aliando conhecimentos de ordem teórica com a experiência decorrente da convivência com esses alunos no ambiente escolar.

Vale ressaltar que a adaptação tem como foco viabilizar a participação dos alunos com deficiência nas aulas, ou seja, os objetivos, conteúdos, metodologias, temporalidade e o processo de avaliação devem ser utilizados de forma a proporcionar uma aprendizagem significativa, bem como uma efetiva participação no contexto escolar. As adaptações curriculares devem ser entendidas como mais um instrumento que possibilita maiores níveis de individualização do processo ensino-aprendizagem escolares (CARVALHO, 2008).

O que adaptar, como adaptar

Como mencionamos anteriormente, é preciso adequar o currículo a realidade do aluno e “não um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos.” (BRASIL, 2003). Essa visão está alinhada com a teoria do desenho universal aplicada à aprendizagem, que preconiza o uso de tecnologias digitais para a

implementação de um currículo mais atento à diversidade de necessidades educacionais e assim mais capaz de favorecer a inclusão escolar (MEYER; ROSE, 2005).

As adequações curriculares devem acontecer levando em consideração as dificuldades dos aprendizes, de forma a tornar o currículo apropriado às peculiaridades dos alunos com deficiência. Assim, as ações docentes devem considerar: “o que o aluno deve aprender, como e quando aprender; que formas de organização do ensino são mais eficientes para o processo de aprendizagem; e como e quando avaliar o aluno.” (BRASIL, 2003; p. 34).

De acordo com a necessidade do seu aluno, o professor precisa analisar quais conteúdos são necessários e quais são relevantes para o aluno e, a partir das limitações e das possibilidades do aluno, elencar o que deve ser priorizado. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – Adaptações Curriculares (1998),

[...] a adequação curricular ora proposta procura subsidiar a prática docente propondo alterações a serem desencadeadas na definição dos objetivos, no tratamento e desenvolvimento dos conteúdos, no transcorrer de todo processo avaliativo, na temporalidade e na organização do trabalho didático-pedagógico no intuito de favorecer a aprendizagem do aluno. (p. 13)

Diagnosticadas as dificuldades e potencialidades do seu aluno, o docente deve então, adequar o currículo de forma que o torne acessível. Para isso, é preciso que o professor tenha a sensibilidade e conhecimento para selecionar o que é mais importante e viável para ensinar para esse aluno de forma que ele possa aprender como os demais. A obrigatoriedade de se abranger todos os conteúdos propostos pelo currículo oficial não é essencial neste caso; aqui, vale mais que o aluno aprenda o que é significativamente relevante para ele. Pensar e preparar atividades inclusivas é sem dúvidas, o que precisa acontecer nas nossas escolas que tem alunos com deficiências e que necessitam de atividades diferenciadas. Mas, como fazer atividades de forma a permitir que os alunos desenvolvam suas potencialidades e adquiram os conhecimentos que são propostos nas aulas? Como o docente saberá se sua atividade é inclusiva ou não? Não há receita pronta; somente a prática derivada do conhecimento sobre seu aluno e sua respectiva necessidade dirá o que funciona e o que precisa ser modificado. Vale o conceito: “Atividades inclusivas são estratégias pedagógicas, que objetivam construir oportunidades reais de aprendizagem para todos os alunos. Permitem a interação de todas as crianças em sala de aula, levam em consideração as peculiaridades dos alunos e suas diversas maneiras de aprender” (MOTTA; FLÓ; CABRAL, 2008, p. 30).

No caso do ensino da língua inglesa, esses princípios devem ser seguidos da mesma forma, ou seja, é preciso selecionar o conteúdo dentro do que está proposto no currículo e adequá-lo às

necessidades dos alunos. Primeiro, vale partir do que o aluno gosta, e utilizar de habilidades que o aluno possua para incentivá-lo. A seguir, descreveremos como a adaptação foi trabalhada de forma concreta através da experiência vivenciada no subprojeto.

A adaptação e o ensino de língua inglesa no nível fundamental: descrevendo uma experiência

De acordo com Stainback (1996, apud MOTTA; FLÓ; CABRAL, 2008, p.6), são educadores comprometidos com a inclusão aqueles que,

estão mais interessados naquilo que o aluno deseja aprender do que nos rótulos sobre ele; respeitam o potencial de cada aluno e acreditam na sua capacidade de aprender; acreditam que todos os alunos conseguem desenvolver habilidades básicas; buscam informações sobre os recursos necessários para dar maior suporte e mais oportunidades de aprendizagem aos alunos; utilizam as experiências de vida do aluno como fatores motivadores; aprendem com seus alunos e investigam como eles aprendem.

Identificados com o perfil de educador descrito acima, nós, professores em formação inicial do subprojeto Letras-Inglês atuantes na escola municipal atendida buscamos, a partir do livro didático, do conteúdo e da temática que a professora estava trabalhando na sala, de acordo com as especificidades do aluno, elaborar planos de aula e atividades adequadas. É importante deixar claro que um diagnóstico de cada aluno foi realizado para identificar suas potencialidades, seus interesses e suas necessidades no campo da linguagem, e com base nessas informações, traçamos um plano de ação e elaboramos atividades voltadas para promover o avanço desses alunos no aprendizado de língua inglesa. Os alunos para os quais as atividades foram planejadas tinham em comum o fato de terem deficiência intelectual.

Em algumas situações, como não era obrigatório seguir as tarefas propostas no livro didático de uma forma engessada, tivemos liberdade de abordar o conteúdo de uma forma mais igualitária, ou seja, a aula foi planejada de forma a atender as necessidades tanto dos educandos com deficiência como daqueles sem deficiência. Partimos assim, de uma adequação que teve um caráter universal, sem haver necessidade de flexibilizar o plano e as atividades especificamente para o aluno com deficiência. As atividades foram elaboradas a partir das competências dos alunos com deficiência, mas ao mesmo tempo puderam ser realizadas por todos os outros alunos.

Já em outras ocasiões, foi necessário pensar em atividades e avaliações específicas para os alunos com deficiência intelectual, sobretudo para oferecer oportunidades a esses alunos de

consolidar os conteúdos aprendidos. Deve-se levar em conta que “para que cada aluno progrida rumo aos domínios visados, convém coloca-lo, com bastante frequência, em uma situação de aprendizado ótima para ele.” (PERRENOUD, 2008; p. 55)

Para realizar essas adequações, foram consideradas diversas estratégias que contribuiriam para o sucesso da realização das atividades e das avaliações, quais sejam: o uso frequente de imagens para facilitar a compreensão, a diversidade de tarefas (escrita, relacionar conteúdos, produzir textos, imagens), de forma a contemplar diversos tipos de inteligência; instruções com enunciados objetivos e curtos; texto com fonte adequada às necessidades visuais dos alunos, apoio da língua materna, quando necessário para possibilitar a construção de sentidos; organização das tarefas das mais simples às mais complexas; uso de vocabulário relacionado ao contexto cultural e às áreas de interesse dos alunos; valorização das potencialidades dos alunos com deficiência, como forma de estabelecer vínculos entre esses alunos e o restante da turma.

Abaixo, apresentamos recortes das atividades e avaliações elaboradas pelos bolsistas, de forma a demonstrar os aspectos mencionados anteriormente. As atividades nas figuras 1 e 2 se referem a aulas planejadas para turmas de 8 anos, cujos temas foram respectivamente *Boxing* e *Paralympic Games*:

Figura 1: Aula sobre *Boxing* proposta para o 8º ano



ARACON COSTA SILVA NA LÍNGUA INGLÊS E TEXTO A BOM TRANSCRIÇÃO PELO E-SPORTS



Grazielle Jesus de Sousa no peso mosca (até 51kg)

1- Which equipment are they using?

**PUNCH MITTS - BOXING GLOVES - SPARRING HEADGEAR
BOXING SHOES**







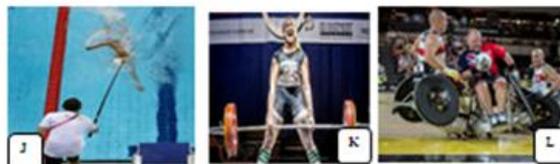


Fonte: Arquivos do subprojeto PIBID Letras-Inglês da UFPB



Figura 2: Aula sobre *Paralimpics Games* proposta para o 8º ano

1- MATCH THE WORDS.



- | | | | |
|--------------------------|--------------------|--------------------------|-----------------------|
| <input type="checkbox"/> | WHEELCHAIR RUGBY | <input type="checkbox"/> | THE HIGH JUMP |
| <input type="checkbox"/> | WHEELCHAIR FENCING | <input type="checkbox"/> | TABLE TENNIS |
| <input type="checkbox"/> | ATHLETICS | <input type="checkbox"/> | WHEELCHAIR BASKETBALL |
| <input type="checkbox"/> | CYCLING TRACK | <input type="checkbox"/> | FOOTBALL 7 & 5 SIDE |
| <input type="checkbox"/> | SWIMMING | <input type="checkbox"/> | ARCHERY |
| <input type="checkbox"/> | WHEELCHAIR RACERS | <input type="checkbox"/> | POWERLIFTING |

2- CIRCLE THE PARALYMPICS SPORTS.

A O Z W H T A F Y Q T D A N G
 K Y S A Y W V K U L A Z D O W
 A J D Y W O V C L V B S X T S
 Y B G U R R I A H C L E E H W
 B A I N V H B R Z D E S S P I
 T P Z F I T X T O I T W D I M
 V H G F O T T G W S E U Z H M
 Z J P O U H F N C T N Q N D I
 P Y F G H G N I D U N I K O N
 W P M D Y I T L L X I A F G G
 U H N C C E Z C J R S X A N J
 A R T Q L W T Y U I E K C B A
 A R C H E R Y C D F F W G E S
 W B T T I H B E O X R E O I J
 R A O T H E H I G H J U M P F

(wheelchair tennis/the high jump/archery/wheelchair basketball/swimming/
 athletics/wheelchair fencing/football 7 & 5 side/cycling track/judo/table tennis/powerlifting/
 wheelchair rugby)

Fonte: Arquivos do subprojeto PIBID Letras-Inglês da UFPB

As atividades acima foram elaboradas com uma temática única e adaptadas ao nível de cada ano do ensino fundamental- anos finais, considerando o conteúdo gramatical que estava sendo visto em cada turma. Porém, elas também foram elaboradas considerando-se as necessidades educativas dos alunos com deficiência intelectual. Na primeira aula do 8º ano, por exemplo, focamos especificamente no esporte *Boxing*, pois nessa turma existe um aluno com Síndrome de Down (que tem deficiência intelectual) praticante dessa modalidade esportiva e pensamos que essa seria uma maneira interessante de incluí-lo no contexto da aula. A ideia partiu da coordenadora do subprojeto na escola e foi bem-sucedida, pois conseguimos que todos os alunos participassem de forma igual da aula, tanto da discussão quanto da realização da atividade, e ao mesmo tempo promovemos a valorização das capacidades do aluno com deficiência pelos seus colegas, ao selecionarmos um esporte em que ele se destaca. A realização da atividade permitiu que a diferença fosse vista de uma forma positiva, e não como algo que justifique qualquer processo de exclusão, ou seja, foi um processo educativo que também fomentou a formação ética e cidadã de todos os envolvidos.

Na elaboração das atividades para essa aula, consideramos o interesse dos alunos, no caso do aluno praticante de boxe e dos demais quando praticam outros esportes; e fizemos uso frequente de imagens, de forma a auxiliar na identificação e permitir uma maior compreensão do vocabulário trabalhado. Os diferentes tipos de questões propostas nos dois exemplos de apresentados - exercícios de associação, caça palavras, e seleção de legendas para fotos - forneceram o suporte necessário para a realização das tarefas, já que são formatos de questões já utilizados pelos alunos na língua materna, que foi usada na aula nos momentos que se fazia necessário dar instruções ou esclarecer dúvidas.

Com relação às avaliações elaboradas para os alunos com deficiência na escola, selecionamos o exemplo abaixo para ilustrar os princípios que nortearam a produção das atividades propostas já elencados anteriormente. A imagem a seguir foi retirada de uma avaliação planejada para um aluno com Síndrome de Down do 6º ano, que tem deficiência intelectual. Os bolsistas responsáveis pela produção da atividade partiram do tema e do vocabulário estudado na unidade (nesse caso *Family*) e retomaram aspectos do conteúdo que haviam sido trabalhados com o aluno através de algumas atividades anteriores, que serviram de referência para a elaboração das questões da avaliação. Eis um exemplo de questão da avaliação:



Figura 3: Questão de avaliação da aprendizagem proposta para o 6º ano

<p>4 - READ THE TEXT BELOW.</p>  <p>HI, MY NAME IS DAIANE DOS SANTOS. I AM 33 YEARS OLD. MY PARENTS ARE MAGDA GARCIA DOS SANTOS AND MOACIR DOS SANTOS.</p>	<p>NOW DRAW YOUR PICTURE AND WRITE ABOUT YOU.</p>  <p>HI, MY NAME _____.</p> <p>I _____ YEARS OLD.</p> <p>MY PARENTS _____</p> <p>_____</p>
---	---

Fonte: Arquivos do subprojeto PIBID Letras-Inglês da UFPB

Trata-se de uma questão com base em um texto que alia a imagem à linguagem verbal para promover a construção de sentidos. A fonte utilizada é maior do que o normal e está em caixa alta. A personagem referida no texto faz parte do contexto sociocultural dos alunos e é uma atleta, o que está interligado com o tema das Olimpíadas estudado nessa mesma época. Quanto ao formato da questão, pede-se a produção de uma imagem ao mesmo tempo em que a produção guiada de um texto verbal. Nesse texto, o aluno deve mobilizar o conhecimento de si e apresentar a informação, completando frases que seguem a mesma estrutura das que foram lidas no texto base. Esse caráter controlado da produção textual facilita o entendimento do aluno sobre a tarefa e consequentemente permite que ele tenha maior sucesso ao responder a questão.

A partir das observações desses fragmentos de atividades e avaliações, buscamos trazer à tona aspectos de extrema relevância quando falamos em adaptação ou adequação de atividades para alunos com deficiência intelectual e que tornaram o processo de ensino aprendizagem de língua inglesa mais atraente e motivador para os alunos com deficiência alvo do trabalho pedagógico, uma vez que eles tiveram parte de suas necessidades educacionais atendidas.

Considerações finais

Nesse trabalho, procuramos socializar uma experiência de adequação curricular vivenciada no âmbito do subprojeto Pibid Letras Inglês onde temos trabalhado com alunos com deficiência

desde o início de 2015, de forma a tornar o conhecimento da língua mais acessível propiciando uma construção de conhecimento significativa para esses alunos. Ao apresentar as atividades, buscamos evidenciar uma série de princípios que orientaram a produção das mesmas: a utilização de imagens, os tipos de atividades propostas (associar, completar, caça palavras, entre outros itens, por acreditarmos que esses aspectos podem facilitar o acesso dos alunos com deficiências específicas ao conhecimento, tanto em relação à língua inglesa, como em relação às outras disciplinas do currículo.

Consideramos ser de fundamental importância essa partilha de experiências, a socialização de atividades e materiais e a discussão sobre as possíveis formas de adequação curricular existentes. Entendemos que é através dessas ações que poderemos construir situações de aprendizagem inclusivas e igualitárias, garantindo a todos os alunos as melhores possibilidades de construir o conhecimento e contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade de cidadãos éticos e sensíveis às diferenças.

Referências

BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão das pessoas com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência) – Lei 13146. Brasília, 2015.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional. LDBEN, 12796. Brasília, 2013.

BRASIL. Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais/ coordenação geral: SEESP/MEC ; organização: Maria Salete Fábio Aranha. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2003.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Adaptações Curriculares*. Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial. Brasília: 1998 .

CARVALHO, Rosita Edler. *Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico*. Porto Alegre: Mediação, 2008.

COLL, C. *Psicologia e currículo: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar*. São Paulo: Ática, 1996.

MEYER, Anne; ROSE, David (CAST). *The Future is in the Margins: The Role of Technology and Disability in Educational Reform*. Wakefield, MA: 2005. Disponível em: <http://www.udlcenter.org/aboutudl/whatisudl/conceptofudl> . Acesso em 02/09/2016.

MOTTA, Livia; FLÓ, Flavia; CABRAL, Fernanda Araújo. *Atividades Inclusivas*. [S.l.]: Instituto Paradigma. Makro Kolor Gráfica e Editora, 2008.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Trad. Patricia Chittoni ramos. – Porto Alegre: Artmed, 2000.



